

**Título: Folkcomunicação no Festival Folclórico de Parintins: a simbologia das cores e suas manifestações culturais na identidade do parintinense.**

**Resumo**

O presente artigo visa transmitir a simbologia das cores azul e vermelha características dos Bois Garantido e Caprichoso como instrumento de folkcomunicação da cultura do Festival de Parintins. O estudo é pertinente porque toca na influência abstrata das cores na materialização do comportamento popular no período dessa festividade. Para isso, o estudo se desenvolve por meio da incursão literária. Assim como espera expor em seus resultados a mensagem expressiva da identidade desse povo que resume seus gostos e sentimentos em duas cores, quando tornam-se torcedores e realizadores dessa manifestação cultural que começa num fundo de quintal e atravessa o tempo tornando-se fenômeno mundial.

**Palavra-chave:** Folkcomunicação; Festival Folclórico; simbologia das cores; identidade amazônica.

**Introdução**

A cultura popular brasileira é resultado da mesclagem de diversos povos, diversas culturas que unidas tornam-se uma cultura híbrida, ou seja, transforma-se num emaranhado único composto de elementos diferentes, distantes, entretanto, entrelaçam-se de forma peculiar em sua natureza.

Diferentemente da cultura erudita que geralmente enaltece a arte, a linguagem e os símbolos padronizados, a cultura popular no Brasil bem como em toda a América Latina, tem configurações distintas e notáveis. Gobbi, 2013, p. 523, afirma que:

Por ser um espaço geográfico amplo, plural e permeado por múltiplas singularidades, a teoria da Folk evidencia a construção dos processos comunicativos nessa perspectiva, levando em consideração todas as

semelhanças e diferença que integram o pensamento comunicacional da América Latina a partir da nossa identidade cultural.

A autora traz a terminologia folk para retratar as particularidades plurais da América Latina em sua cultura popular e, por consequência o Brasil está inserido nesse contexto.

A teoria de folk da comunicação da cultura popular ou a teoria de folkcomunicação, surge no Brasil, na década de 60 como tese de doutorado de Luiz Beltrão que a conceitua como intercâmbio de ideias, saberes, linguagem, manifestações culturais das classes marginalizadas tanto urbana quanto rural da sociedade. Luiz Beltrão teve sensibilidade de perceber que existiam mecanismos comunicacionais que contribuíram para a disseminação, crescimento e resistência das manifestações culturais das classes menos favorecidas, sendo estas, segregadas dos meios padrões de cultura erudita e de massa.

A folkcomunicação é um percurso interpretativo e comunicativo que está além das mídias convencionais. Luiz Beltrão gostaria de “mostrar a folkcomunicação como um processo estratégico para o diálogo com as classes marginalizadas” (Gobbi, 2013, p. 55).

Ultrapassar as técnicas de filtragem dos meios de divulgação da cultura popular é buscar transmiti-las em sua realidade sem forjar histórias, contextos, pessoas, sofrimentos e alegrias. Gobbi, 2013, p. 522 assevera:

As diversas manifestações da cultura popular evidenciam muito mais que comemorações, ritos e festas, cerimônias, encontro entre amigos, pagamento de promessas, rezas e santinhos, música, cores e danças, amuletos, jogos, brincadeiras, cantigas de rodas etc. Na verdade os revelos encontrados em cada manifestações, eram estratégias comunicativas que extrapolaram as mediações propostas pelos meios de massa e criavam uma competente maneira de estabelecer o diálogo, determinando outros canais, para o processo comunicativo, instruindo marcas de identidades, capazes de serem balizas da sociedade excluída.

Retratar a realidade da cultura popular é conhecer suas vidas, histórias e reações diante das adversidades sociais.

Enfocam também seus sentimentos, medos, crenças, linguagem e maneiras de manifestar tudo isso num só movimento cultural expresso na música, poesia, literatura, dança, festivais, ritos, procissões que muitos além de encontros, como afirma a autora, eles transmitem uma mensagem não verbalizada do estado social, psicológico e/ou político de um povo.

A riqueza da folkcomunicação está na sua capacidade de enxergar a “Metalinguagem” presente nas manifestações folclóricas que trazem a real identidade popular. Ou seja, “Ao estudar esses processos de comunicação, percebeu que os grupos marginalizados reelaboram a sociedade e suas relações apresentadas uma visão própria a sua gente, diferente às vezes questionadoras da visão dominante e institucionalizada” (TESKE, 2013, p. 675).

A configuração societária obedece aos padrões que uma vez institucionalizados, sedimentam, um *modus vivendi* que por vezes afasta naturalmente a dinamicidade presente na cultura, sobretudo, a cultura popular que, não obstante, as constantes inovações tecnológicas do tempo como a internet e outras tecnologias, não perderam o cerne de seu movimento, mas agora podem ser acompanhadas em sua “cruza” e perfil.

Vê-se assim que a comunicação é um processo orgânico que troca decodificação, expressão, simbologia e visibilidade cultural, mesmo que com a modernidade advenham mudanças.

“Em outras palavras, isso significa dizer que a comunicação é imprescindível na sociedade moderna, pois possibilita que haja um intercâmbio, contato, troca de informações entre os membros de um determinado grupo, e este, por sua vez, com outros” (TESKE, 2013, p. 686).

Diante de exposto, o presente artigo traz como tema de abordagem as cores vermelha e azul que caracterizam os bois de Parintins, garantido e caprichoso, como elementos simbólicos de identidade e apropriação cultural. Para isso, o artigo dividido em duas partes. A primeira parte trabalha o processo histórico e a conceituação da teoria folk desista manifestação que tem seu início como narrativa e cresce em proporções internacionais.

A segunda parte trata da assimilação das cores vermelha e azul como elementos simbólicos que materializam classe social, rivalidade, gostos, grupos, grupos, comportamentos, brincadeiras, vestimentas e até organização da cidade que passa a ser dividida pelas mesmas. Para o desenvolvimento do estudo, baseia-se na incursão literária e na abordagem de folk como compreensão deste fenômeno cultural desta localidade amazônica.

### **1- Festival folclórico de Parintins uma história, uma explosão da cultura popular.**

O Festival Folclórico de Parintins é uma festividade cultural que é a competição entre os Bois Bumbás Garantido nas cores vermelha e branca, e Caprichoso nas cores azul e branca. O festival acontece no estado do Amazonas na cidade de Parintins localizada a 369 quilômetros da capital Manaus, sempre no último final de semana do mês de junho.

O Festival Folclórico foi criado em 1966 e com ele a população passou a organizar uma modalidade de disputa para disciplinar o confronto entre os dois bois, o Garantido e o Caprichoso. O evento foi organizado por um grupo de jovens ligado à igreja a Juventude Alegre Católica (JAC) (LEMOS, 2005, p. 53).

Essa organização da competição por parte da Igreja se dá pelo grau de violência que a festa estava tomando entre seus brincantes. Trata-se de uma festa que começou em quintais, nas ruas como um desafio de poesia enunciada pelos trovadores ou como é chamado o amo do boi. A história começa com o alto do boi que conta a saga do boi predileto do dono da fazenda sendo o boi de estimação da sinhazinha, filha do amo do boi. É o boi mais bonito e privilegiado da fazenda. O enredo da festa começa quando Catirina esposa de “Pai Francisco” servo do fazendeiro, estando grávida desejou a língua do boi mais querido.

Para satisfazer a vontade da esposa Francisco mata o boi (Garantido ou Caprichoso) passada as horas os donos do amado bovino vão à sua procura depois de muito procurar descobrem o acontecido. Sofridos com a perda, pedem para que chamem o padre na tentativa de ressuscitar o boi. Tentativa esta, conquistada pelas mãos do pajé, com a ressurreição de boi todos celebram o seu retorno dando início a um festival. Entre

danças, cantigas, poemas, rituais, o festival tornou-se uma celebração que conseguiu reunir a cultura indígena, luso-brasileira, cultura nordestina e a cultura negra.

O Boi Bumbá de Parintins, é uma adaptação do Bumba Meu Boi do Maranhão. Assim, Garantido e Caprichoso possuem histórias semelhantes, mas que na festa se tornam uma acirrada disputa. Sendo assim, eis a história dos bois, segundo Lemos, 2005, p. 50 sobre o Garantido.

Conta-se que, em 1913, Lindolfo Monte Verde, quando tinha 13 anos de idade, época em que ainda se sentava ao colo de sua avó para ouvir as lendas do boi de pano maranhense que dançava nas noites de São João, criou, inspirado no que ouviu, o boi que era brincado originalmente por meninos. Por mais de sete anos o quintal de sua residência foi palco para a festa desse boi. Após muito esforço, Lindolfo conseguiu convencer sua mãe, Alexandrina Monte Verde, a ajudá-lo a fazer os primeiros chapéus e camisas vermelhas para que seu boi pudesse se apresentar nas ruas da cidade. Mas, foi com 18 anos de idade que a brincadeira de quintal de Lindolfo Monte Verde tornou-se motivo de promessa, e transformou o Garantido em um Boi de promessa, devido ao fato de Lindolfo, em viagem ao Pará, ter tido sérios problemas de saúde e, por conta disso, ter feito promessa a São João Batista que, caso se curasse, faria seu Boi brincar durante toda sua vida. A graça foi alcançada e Lindolfo cumpriu a promessa. Daí em diante, o Boi foi conquistando, ao longo de várias décadas, a simpatia de milhares de pessoas do Brasil e do mundo, mantendo viva as raízes do Amazonas através de sua música e dança. As cores que predominam no garantido são as cores vermelha e branca. O Boi é branco e possui um coração na testa.

Sobre o Caprichoso nos conta a autora:

O Boi Caprichoso surgiu, em 20 de outubro de 1913 - inicialmente como Galante e, em março de 1925, a partir de uma cisão no comando do Boi Galante, passou a ter a denominação atual. Ocorre que, por divergências, o antigo dono do Boi Galante, Emídio Vieira, abandonou o comando do Boi que ficou a cargo dos irmãos Cid. Vindos de Crato, Ceará, os irmãos Raimundo Cid, Pedro Cid e Felix Cid, chegaram em Parintins em busca de trabalho, e prometeram a São João Batista: caso conseguissem emprego, reverenciariam para sempre o Santo com um boi de pano, e assim o fizeram, denominando-o Caprichoso. (LEMOS, 2005, p. 52).

Ano após ano a pequena festa de fundo de quintal se transformou no entretenimento mais esperado do ano, aonde os seus adeptos e brincantes, vestem as cores azul se for caprichoso e vermelho se for garantido, ao longo dos anos a festa tomou tamanha proporção devido à competição existente que a rivalidade das cores cresceu de modo até a causar situações de agressividade entre os brincantes dos bois, por conta disso, a cidade dividiu-se ao meio, um lado azul e um lado vermelho onde o marco zero é a

catedral de Nossa Senhora do Carmo, aqui salienta-se com evidencia a união do sagrado e profano. Tal afirmação justifica-se pelo fato de que é a Igreja Católica que organiza o festival instituindo regras de competição.

Nos períodos que antecedem a festa, mas, precisamente no mês de novembro iniciam-se os trabalhos de preparação do espetáculo que é reconhecido internacionalmente como o maior espetáculo a céu aberto. Os preparativos começam com a escolha do tema que será defendido cujo teor pode enfatizar a cultura indígena a região amazônica as misturas culturais e o folclore regional.

O festival tornou-se tão característico dessa cidade que os moradores e quem já conheceu a festividade é inevitável desmembrar as cores vermelha e azul da representatividade dos Bois Garantido e Caprichoso.

## **2- A festa das cores: um olhar sobre a materialidade social do abstrato.**

Emissoras de televisão como a rede bandeirante quando fez a cobertura do evento, teve sua logo verde amarela, substituída pelas cores azul e vermelha em exposição para seu respectivo boi para quem assistia a transmissão oficial. Chegar a Parintins implica seu acolhimento enquanto pessoa que traz uma história, mas também deve fazer uma escolha dizer que aprecia os dois bois ou se autodenomina.

Nos períodos festivos a rivalidade é acentuada, a cidade toda muda extraordinariamente, “da noite para o dia” e veste-se de bandeirolas, tem muros pintados nas cores azul e vermelha. Além das ruas e casas enfeitadas, as vestimentas assumem a escolhas do torcedor. Nos bares e residências, a música de fundo para as vidas em andamento são as toadas de boi que por sua vez, deve contemplar os dois. Lemos, 2005, p. 56 nos diz que:

Durante a Festa dos Bumbás, há duas modalidades de confronto entre os bois: a disputa e a competição. A disputa é exercitada em diversos momentos e situações: disputa-se a hegemonia de espaços territoriais e o predomínio dos símbolos na visualidade da cidade, a amplitude das torcidas locais e a simpatia dos visitantes. A competição - para a qual se faz todo o investimento de tempo, de recursos financeiros, de trabalho, de divulgação e de envolvimento da população - dá-se pelo confronto realizado no contexto do Festival, sob a mediação do regulamento e de um corpo de jurados. Enquanto o resultado de uma dada situação de disputa confere prestígio, municiando uma agremiação para se exaltar diante da outra, o resultado da competição implica em título e troféu, sendo atualizado a cada edição do evento.

Contudo, os elementos da rivalidade não se pautam somente nas apresentações, elas vão além se expressam nas cores. Como se pode subentender pela assertiva da autora ao mencionar o regulamento do evento.

A simbologia das cores se materializam no comportamento social, econômico e de poder. Torcer ou pertencer a um dos bois diz de suas condições social, de seus sentimentos e preferências. Torcer para o Boi Garantido que carrega a cor vermelha é ser identificado com as camadas mais pobres e “desorganizadas” de Parintins, neste sentido, emerge termos de identificação como “perrechê” que é abreviação de “pé rachado” por causa das casas de chão batido e também pelo gosto por bebidas alcoólicas, sobretudo, cachaça. Considerado e tendo o lema, “ O Boi do povão”, garantido faz apologia às categorias profissionais mais simples como pescadores, vaqueiros, trabalhadores avulsos que dedicam seu tempo para a construção do boi de arena.

Criando assim, toadas, versos carros alegóricos e piadas contra o boi “contrário”. É evidente que esse contexto obteve suas mudanças que seguiam as mudanças na sociedade. Não tendo mais somente esse público. Todavia, os estereótipos permanecem e sobrevivem ao tempo.

Do outro lado, tem o Boi Caprichoso que defende a cor azul que é vista como cor da nobreza, rendendo o Boi azul o lema de “Boi da elite”. E, não obstante, a instituição do lema “O Boi de Parintins”, o termo pouco é assimilado. Para os visitantes, tais diferenças não fazem muito sentido, o que não é visto pela população moradora da cidade. Esses rótulos entre o boi da tradição e o boi da imitação, é preferida em muitos dos diálogos acirrados de competição entre os torcedores e brincantes. Mas é crucial salientar a coexistência das diferentes classes e categorias, não obstante, os rótulos que por sua vez devem ter nascido em contexto específico desse quadro.

Aqui pode-se dizer que Folkcomunicação faz uma leitura de destaque desse aspecto, pois retrata um tempo e um espaço no início da festa.

A cor azul e vermelha também é fator atrativo de consumo, sobretudo, nas festas que antecede o Festival. Os bois de rua, os ensaios técnicos, dentre outros eventos promovidos pelos respectivos bois são acontecimentos que movimentam a economia

tanto no setor de moda através de roupas e acessórios nas cores, quanto no setor de bebidas pelas embalagens de produtos comercializados com a imagem do Boi.

Nos galpões aonde são confeccionados os carros alegóricos ou simplesmente alegorias, é terminantemente proibido o uso da cor rival. Não somente nas vestimentas como também nas alegorias e fantasia dos itens da competição. Esta mesma regra se estende aos currais aonde ocorrem as festas, seja brincante ou visitante, não adentra o logradouro na cor do “contrário”. E estas regras se estendem até para os jurados que vem de outros Estados da federação para julgar o evento. Lemos, 2005, p 61 lembra que:

A utilização das cores também é um tema importante no regulamento. O regulamento determina que as cores azul (que identifica o Caprichoso) e vermelha (que identifica o Garantido) devem ser usadas de acordo com a prescrição dessas identidades. As regras são tão minuciosas que, por exemplo, como a cor preta está relacionada ao tecido que cobre o Boi Caprichoso, definiu-se que os jurados devem usar apenas caneta verde para se manterem isentos das cores dos bumbás.

Nota-se que as cores representam o Boi Bumbá, assim como influenciam no *modus operandi* da festa e no comportamento dos envolvidos na organização desta. Não é raro acontecer conflitos entre torcedores que se aventuram “desfilar” entre um significativo contingente de torcedores da cor rival e não sofrer com xingamentos, vaias ridicularizarão e até agressões físicas. O que demonstra influência no processo de materialização do abstrato.

Neste sentido, numa linguagem Folk saliente-se como o folclore e todos os seus elementos organizam e são apreendidos pelas pessoas. Aqui não nos importa o porquê da escolha dessas cores, mas instiga-nos como é possível transferir para elas nossas representações, necessidades, realidade e comportamentos.

A manifestações culturais populares se mostram como forma de extravasamento da realidade, como o Carnaval que é conhecido como festa da carne, é um evento aonde permite-se o deleito dos prazeres, para que pudesse posteriormente vivenciar o tempo quaresmal que é tempo de penitência e mortificação pelo calendário cristão católico.



Não se trata de conhecer o porquê das cores, mas o porquê que elas inspiram tais comportamentos? Quais os processos cognitivos, culturais e da linguagem simbólica que permeiam a construção de uma identidade a partir das manifestações folclóricas?

Vale também ressaltar que a assimilação e incorporação do significado das cores é marcante que, espaço, objetos ou marcas repartam naturalmente à figura dos Bois e o que eles representam. A afetividade dispensada à esta manifestação é tamanha que em Parintins existem casas pintadas na cor do boi predileta, assim como trajeto que não permite avançar geograficamente para o lado contrário/rival.

A Folkcomunicação fornece elementos teóricos que auxiliam na leitura destes fenômenos culturais, bem como contribui para a interpretação dos contextos sociais em que se apresentam. Isto torna-se fundamental para uma ótica crítica, consciente e empática da realidade.

É de grande relevância destacar que o Festival Folclórico de Parintins nos remonta o contexto histórico-sócio-cultural da Amazônia. A presença da confluência dos povos recontada em forma de folclore e rivalidade das cores, mostra-se também como um campo de resistência cultural e reavivamento da história de formação do caboclo, sem prescindir do negro, índio, branco, nordestino que deixam em evidencia nessa festa, as suas peculiaridades específicas como as lendas, a religiosidade, a dança, os tambores, os versos e ritmo.

É de admirar e surpreender-se que uma festa local, montada, segundo histórias, para cumprimento de uma promessa a santo padroeiro, tornou-se um Festival reconhecido como patrimônio cultura do Brasil, além de repercussão internacional.

A festividade tem cobertura por emissoras de televisão no canal aberta, assim como em canais fechado. Atualmente é preciso uma megaestrutura para sua realização. Estrutura que envolve patrocínios de grandes empresas, fazendo destas patrocinadoras oficiais como a Coca-Cola. Além do investimento de empresas, a festa conta com financiamento dos três poderes federativos. Lemos (2005), expressa a magnitude da festa nas seguintes palavras:

Nesses dias Parintins torna-se palco do público de fora seja por causa dos turistas que vão assistir ao espetáculo ou pela cobertura feita pela imprensa do país e do exterior. Este fato é importante porque tem influenciado no crescente investimento financeiro para a organização do festival e para a produção artística dos bumbás, bem como na qualidade do que se exhibe. O espetáculo é, de fato, grandioso, constituído por enormes alegorias, luxuosas fantasias e efeitos de luz e de som cada vez mais sofisticados. Não é à toa que os bois já estão contratando empresas de engenharia para a montagem do aparato de efeitos de luz nas apresentações (LEMOS, 2005, p. 57).

Quando os fundadores do Boi Bumbá colocavam o “boi na rua” ano após ano sempre trazendo novos incrementos que se uniam à tradicional festa que mobilizava seus organizadores e brincantes, não previam que tal festa folclórica local, atrairia mais tarde, a crescente visita de turistas e olhares de interesse econômico sobre o evento. Esses investimentos trouxeram mudanças, uma vez que os patrocinadores ganham poder de decisão sobre o que se tornara atrativo em produto para se vender com base na festa.

A festa teve significativas mudanças, mas a essência folclórica da brincadeira continua. Entretanto, a visibilidade do evento deu também ênfase à rivalidade dos bois e seus torcedores, sendo esta transferida nas cores. Tal mudança confluenta com as relações sociais modernas, coloca uma questão fundamental sobre os espaços que ocupam as classes menos favorecidas diante desse crescimento. Considerando que a Folkcomunicação é o estudo dos processos comunicativos folclóricos das classes marginalizadas, pode-se dizer que o Festival Folclórico é essa expressão popular que está presente em sua origem?

Os avanços tecnológicos e também das mídias trazem uma expansão de novos espaços de divulgação para a cultura popular. Numa leitura folk, é uma forma de as classes marginalizadas se fazerem presentes nos espaços aonde convencionalmente foram excluídas. O Festival Folclórico de Parintins nasce de grupos segregados e toma dimensão espetacular. Todavia, mediante realidade atual de tamanho desenvolvimento aonde os atores sociais que movimentam e constroem a festa agregam classes e interesses, contudo, continuam obedecendo as regras mantidas tradicionalmente envolvendo as cores.

Não se pode esquecer, entretanto, que a rivalidade desinteressada pela vitória, pela beleza e superioridade dos bois ainda permanecem muito mais nos torcedores que nos artistas, diretores, trabalhadores diretamente envolvidos. Tudo que foi arrolado neste estudo, não se retira de cena, mesmo com as inovações tecnológicas que naturalmente

foram acrescentadas no evento como tecnologias de som, de luzes, máquinas e etc. A riqueza folclórica ainda permeia a cidade. O gosto pelo jogo competitivo das cores expressivo no desafio de quem é o melhor nas toadas, nas alegorias, no conjunto folclórico permanece vivo a cada ano, atraindo mais e mais brincantes.

O crescimento do festival se deu sobretudo, por conta da narrativa oral que passadas de geração em geração ofereceu aos brincantes e organizadores da festa um fortalecimento da brincadeira, que entrementes, transforma-se na identidade desta localidade. É mister mencionar que toda a festa, a brincadeira e competição dos bois é resumida na escolha da cor superior. Por conseguinte, tal característica repercute em toda a estrutura e elementos que envolvem o enredo da rivalidade.

A grosso modo, tudo é resumido da seguinte forma: se o Boi Garantido ganha, a cor vermelha é superior a cor azul do Boi Caprichoso ou vice e versa. E esta vitória e constatação de superioridade ultrapassa os contornos da manifestação folclórica e seus elementos, invadindo a vida privada de seus torcedores, fazendo destes, campeão. O que em termos práticos da convivência cotidiana, significa mais um ano de desafio com novos fatos que venham a comprovar cada frase, narrativa ou piada de exibição da vitória em prejuízo da situação e até mesmo competência do boi rival.

Contudo, a rivalidade entre as cores não termina por aqui. Pertencer ao Boi Bumbá com mais vitórias significa ser superior a aquele que torce para o boi que perdeu. E embora, neste estudo seja utilizado o termo “torcer”, em Parintins se diz “eu sou”. Verifica-se não somente uma adesão ligada à preferência, mas uma necessidade de pertença. Ou seja, o envolvimento é tamanho que existe uma atribuição afirmativa de pessoa, como se o sentimento que envolve a escolha do Boi, influenciasse na identidade do ser.

Isto coloca de forma enfática que a cidade de Parintins se veste nas cores de seu boi. Para os visitantes, apesar de torcerem para seu boi, tal escolha representa um entretenimento momentâneo com tempo para começar e terminar. Entretanto, para os moradores da cidade, isso se apresenta como uma decisão, em alguns casos, determinante na vida.

Para os que acompanham o Festival Folclórico por meio televisivo, por narrativas orais ou através de trabalhos acadêmicos, consideram a manifestação admirável pela grandiosidade presente nas fantasias e alegorias luxuosas que assim como os demais quesitos não devem conter nenhum detalhe na cor do “boi contrário”. Essa rivalidade que ultrapassa a estruturas do Bumbódromo que é a arena aonde acontece a competição e percorre as ruas e vidas de Parintins é declarada nas toadas, na paixão e sacrifícios que os brincantes fazem por seu boi.

Tanto na torcida ou “galera” do Garantido ou Caprichoso, dependendo da ordem de apresentação existem pessoas que vão um ou dois dias antes para os contornos do Bumbódromo entrar numa fila para conseguir lugar na arquibancada. É comum realizar esse trajeto e ver pequenos acampamentos montados, haja vista, que a arquibancada do povão tem entrada gratuita e está inserida em um dos quesitos a serem avaliados pelos jurados. A melhor “galera” ganha um troféu específico para o quesito com o título de melhor galera do Festival. Diante do exposto, é perceptível como esse fator aumenta a rivalidade e o significado que as cores representam, determinam e conduzem na festa e na vida dos parintinenses.

### **3- Considerações Finais**

O Festival Folclórico de Parintins, no Amazonas, é uma festa grandiosa que tem identidade peculiar, abraçando a história da colonização da Amazônia e dos povos que nesta região fizeram sua história. Formada pela miscigenação entre o branco, o negro, o índio, a Região Amazônica encanta com suas dimensões misteriosas e exageradamente suntuosa na fauna e na flora. Seu Rio extenso e profundo delinea a vida dos ribeirinhos, moradores dos entornos dessa bacia hidrográfica que é fonte de sobrevivência e de histórias, lendas e esperança.

Essas terras receberam as tristes sagas de lutas por território, combates sangrentos entre os índios e oficiais portugueses, também assistiram o tempo áureo da borracha, da juta com os japoneses, a presença dos nordestinos, a inserção da cultura europeia, dentre outros acontecimentos que moldaram a história da cultura desse povo. Desse emaranhado cultural, nasce outro grupo de sujeitos que carrega o hibridismo histórico do amazônida. E este sujeito é o caboclo, figura que herda as características do branco e do índio, além de agregar em seu viver elementos da cultura negra e também

nordestina. Como já mencionado, a história da formação da América Latina é marcada pelo pluralismo peculiar.

Nesse interím, o progresso econômico foi arrebatando tudo o que se põe á sua frente para que haja uma estrutura que o sustente. Neste sentido, seleciona-se padrões de vida e comportamentos que são massificados por todo o contexto social, tendo nas mídias sociais, sua principal força. Diante desse quadro, imprescindível se perguntar aonde estão os espaços do não convencional? Quem são seus adeptos? Estes sujeitos estão à margem da sociedade? E como expressam sua realidade? É então que o folclore se torna não somente uma manifestação cultural, mas a linguagem que passa a metalinguagem da vida de seus realizadores seja nas danças, nas crenças, superstições, música, literatura, dentre outros, existe um veículo aonde a chamada cultura popular acontece.

Reconhecendo isso, Luiz Beltrão mostra uma nova forma de ver o folclore nos prismas das mídias sociais, não se restringindo ao que já foi aprovado pelo destilador cultural padrão, mas aquilo que representa de fato a realidade geográfica, cultural e histórica das populações marginalizadas da sociedade institucionalizada.

E esta nova forma de analisar os intercâmbios e processos de comunicação do folclore das classes marginalizadas, Luiz Beltrão denomina de folkcomunicação. A linguagem folk vai para além dos meios comunicativos convencionais, mas analisa como tais meios promovem a cultura popular, como eles a retratam e o que tais manifestações dizem de seus envolvidos.

É assim, que o presente estudo reflete sobre a simbologia das cores azul e vermelha presentes na caracterização dos Bois Bumbás de Parintins como elemento determinante não somente na natureza da festa, mas na vida dos moradores dessa localidade. Na teoria folk, as cores azul e vermelha não se apresentam apenas como identidade de distinção dos bois, mas como transferência da vontade, da escolha, da vida e preferência dos brincantes e organizadores da festa.

O Festival de Parintins é fruto de promessa baseada na fé a São João Batista, é de início organizado pela Igreja e seu desenvolvimento leva a ser festa presente no calendário da cidade, posteriormente, torna-se evento cultural datado em calendário nacional. De todos os elementos e itens que envolve os Bois Garantido e Caprichoso, a cor azul e vermelha sintetiza de forma indizível a adesão integral dos moradores a todos os comportamentos que o amor, a paixão ou a admiração suscitam no ser humano.

Portanto, nessa manifestação cultural, o abstrato gosto pelos bois feitos de pano, passa pela materialização de sua consequente adesão e transforma o invisível em identidade palpável do parintinense.

## **Referências Bibliográficas**

GOBBI, Maria Cristina. Gênese da Folkcomunicação in Metamorfose da Folkcomunicação. EDITAE cultural, São Paulo, 2013.

TESKE, Wolfgang. Teoria da Folkcomunicação: da Origem aos Processos Folkmediáticos in Metamorfose da Folkcomunicação. Editai cultural, São Paulo, 2013.

LEMOS, Verena Cansação da Silva. O Festival Folclórico de Parintins, Brasília, 2005.